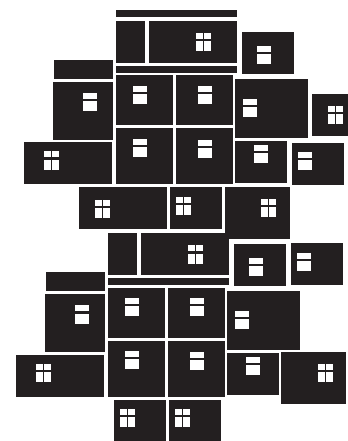




Alexandra Lucas Coelho

VAI, BRASIL



PREFÁCIO
FRANCISCO BOSCO

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

ÍNDICE

Prefácio

por Francisco Bosco

7

Vai, Brasil

15

Índice remissivo

317

Nota biográfica

325

© 2013, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Vai, Brasil*
Autora: Alexandra Lucas Coelho
Prefácio: Francisco Bosco
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Vera Tavares

1.ª edição: Novembro de 2013

ISBN 978-989-671-184-9
Depósito Legal n.º 365702/13

PREFÁCIO
por Francisco Bosco

Sempre latente, ao fundo, e tantas vezes irrompendo, explícita, à superfície, a questão principal deste livro é sobre o tempo, ou melhor, *os tempos* do Brasil. Como na célebre abertura de *Burnt Norton*, tece-se aqui uma trama onde se constata que o presente e o passado estão presentes no futuro, assim como o futuro está contido no passado — e se pergunta se esses tempos conseguirão em alguma medida liberar-se uns dos outros, o passado deixando de condenar o futuro a uma eterna repetição, o futuro escolhendo de qual dos seus passados servir-se para reinventar-se. Essa é a pergunta presente que o Brasil se faz. Alexandra Lucas Coelho a recoloca, aqui, com a devida complexidade, situando-a no intervalo ambíguo entre a repetição e a promessa. Entre o vaticínio de Stefan Zweig («Brasil, país do futuro») e o desengano de Millôr Fernandes («O Brasil tem um longo passado pela frente»). No meio disso, o presente, acontecendo com renovada intensidade após décadas de letargia, e relançando assim a pergunta sobre o sentido de nosso ir: *Vai, Brasil* — mas como um ser finalmente desejoso de liberar-se de suas próprias amarras ou um carro mal consertado cujo motor morrerá novamente na próxima esquina?

Essa questão central, a que voltarei adiante, surge entrelaçada a diversos registros, como de hábito no gênero dos livros de viagens: história, geografia, religião, cultura, artes, economia, culinária, perfis e aventuras. Mas nada há de habitual na profundidade com que Alexandra desbrava o território continental do Brasil, do Oiapoque ao Chuí (os dois pontos extremos do país), como se diz por aqui, ou ao menos de Porto Alegre a Manaus; nem na disposição intelectual com que encara nossos grandes teóricos, escritores e poetas; nem tampouco na sua entrega de corpo e alma aos ritos, práticas e festas brasileiros, de que nos dá invariavelmente um relato impessoal e pessoal, informativo e interpretativo, jornalístico e literário, já que a autora mobiliza os dois registros sem dificuldades. A Alexandra jornalista atravessa o livro fazendo entrevistas, perfis, apresentando dados, conferindo tudo *in loco*; a Alexandra escritora narra e amarra, ilumina experiências e pessoas (dirá, por exemplo: «Nunca vi uma fotografia em que Clarice Lispector pareça próxima. Ela, que queria comer o coração cru de tudo, olha sempre de longe»), confunde trabalho e vida, e está sempre a procurar, naquele, esta, ou melhor, seu sumo: «a verdadeira vida». Neste livro, portanto, sobre o outro, sobretudo, mas também sobre si, é notável a inteligência da autora e seu nomadismo, sua vida que «cabe num armazém de dez metros» e lhe dá (a nós também) «uma sensação igual à que temos num avião: estamos suspensos, nada nos impede de cair a não ser a própria força do movimento». Mas é ainda mais notável o seu *método*: do desfile em uma escola de samba ao transe coletivo de um terreiro de umbanda, do *funk* no Buraco Quente ao pato ao tucupi, Alexandra aborda tudo com espírito e sentidos abertos, sem preconceitos de qualquer natureza. A esse método de conhecimento, podemos chamar de *amoroso*, como o fez Nietzsche: «Quem realmente quiser conhecer algo

novo fará bem em receber essa novidade com todo o amor possível, e rapidamente desviar os olhos e esquecer tudo que nela pareça hostil, desagradável, falso [...] pois assim penetramos até o coração, até o centro motor da coisa nova: o que significa justamente conhecê-la.»

Retomando a questão central do livro, o tempo passado aparece em suas dimensões de mito e de neurose. Enquanto neurose, passado estrutural, é a formação perversa da sociedade brasileira, empresa periférica do capitalismo europeu, que produziu uma sociedade que consigo se desaveio, fruto da exploração mais que da igualdade. É o Brasil herdeiro do trauma escravista, com sua exorbitante concentração de renda, seus negros encarcerados, seu patrimonialismo (herança direta de Portugal, segundo o eminente jurista Raymundo Faoro), sua, em suma, extensa gama de injustiças. Já enquanto mito, passado permanente, é o Brasil alegre, sem grandes tabus cristãos do corpo («Não estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas», como disse Caminha dos índios que cá estavam), povo caloroso, hospitaleiro, que privilegia o princípio de prazer em detrimento do princípio de realidade. Um mito não é uma mentira, e sim uma autoimagem de que um povo se serve como referência identitária. Logo na abertura do livro, Alexandra o evoca, a propósito do Rio de Janeiro: «Os cariocas têm de ganhar a vida como toda a gente, mas nunca a perdem por causa disso.» Houve um tempo em que o Brasil tinha vergonha de encarnar o mito aos olhos do estrangeiro (incomodava-nos desde a falsa baiana de Carmem Miranda nos EUA até a falsa favela do *Orfeu* de Marcel Camus). Mas hoje tendemos a ver o mito como mais que um desejo, uma salvação.

Isso nos leva aos tempos presente e futuro. *Vai, Brasil* começa no final do governo Lula e finaliza no começo das

grandes manifestações públicas contra o atual estado de coisas. No apagar das luzes de 2010 pairava sobre o país certa sensação de euforia: o aumento real do salário mínimo, milhões de pessoas tendo assegurados direitos elementares (moradia e alimentação), o mundo finalmente reconhecendo nossa grandeza. Os mais atentos já desconfiavam, entretanto, do que havia de apenas confete e purpurina nessa suposta transformação. Hoje, a tendência é perceber o período Lula (2003-2010) e Dilma (2011-) como uma mistura de atraso e progresso, contendo feitos fundamentais, mas às custas de pactos regressivos que agravaram o caráter pseudodemocrata da política brasileira. No saldo atual, apagados os fogos do «espetáculo do crescimento» (baseado no preço internacional de *commodities* e puxado pelo crescimento chinês, ou seja: resultado em grande parte de uma contingência), constatamos que a estrutura perversa do país permanece. O livro se encerra aí, com o povo nas ruas exigindo melhores serviços públicos; a Polícia Militar exigindo que o povo se cale; os políticos resistindo a qualquer mudança estrutural; novas mídias disputando a narrativa dos acontecimentos - e o país se perguntando se a coisa vai ou racha. Ou fica tudo como dantes no quartel de Abrantes.

Para terminar, vamos a outro passado. Não é por acaso que Alexandra dedica quase a quarta parte deste livro à Amazônia. No momento em que o capitalismo mundial se encontra em crise não apenas sistêmica, mas ecossistêmica, e que ao redor do mundo as pessoas questionam sua forma de vida baseada em aceleração técnica, produção incessante e consumo supérfluo, nesse momento sobrevive uma outra civilização, que despreza o domínio predador da natureza e privilegia o comum: os índios. Alexandra relata o estado lastimável a que o Estado brasileiro tem condenado seus índios, retirando-lhes os meios de sobrevi-

vência (muitos deles se entregam ao alcoolismo ou ao suicídio). Tirar desse passado qualquer chance de futuro diz muito sobre o que o Brasil oficial projeta para si nesse momento.

Mas os tempos estão lançados, o próximo passo ainda está por vir: *amanhã* — a última palavra deste livro.

Para os amigos aqui

Para o João Paulo

PARTIDA

As ruas de Lisboa cheiram a castanhas e a chuva, à noite têm luzes (o Natal, o Natal), o frio vê-se quando respiramos. Parti enrolada em lã, com luvas. Agora escrevo à mão por cima do Atlântico. No ecrã do avião, uma personagem diz: «É incrível como a minha vida cabe num armazém de dez metros.» A minha também, e penso que essa é uma sensação igual à que temos num avião: estamos suspensos, nada nos impede de cair a não ser a própria força do movimento.

O ecrã também diz que às 17h48 vou aterrar no Rio de Janeiro, onde estarão 35 graus. Vou meter as luvas no bolso do casaco, e dobrar o casaco. Na fila da imigração, esperarei entre os estrangeiros. Vai entrar como turista, dir-me-á a funcionária da imigração. Certo. Antes de 90 dias tem de ir à polícia. Certo. Portugal e Brasil, países irmãos.

A 11 600 metros de altitude leio dois livros fora de mercado. Um é jovem, vem dentro de um pequeno envelope. O outro é seu ancestral. O ancestral diz: «É preciso que as pessoas entrem e saiam. Que vivam por toda a parte.» A única tarefa é voltar à vida.

Passamos o Equador. Ao crepúsculo, os botecos do Rio estarão lotados, chopinho, pastelinho, shortinho. O exército

está no Complexo do Alemão, a Rocinha está no aguardo e vai ser Verão: 1 de Dezembro de 2010.

APOCALIPSE NUNCA

No dia em que mudei para o meu primeiro subaluguer no Rio de Janeiro já era noite. Quando pus a bagagem no passeio as plantas começavam a agitar-se, anunciando a tempestade. Eu estava a sair da casa onde dormira uma noite para a casa onde dormiria um mês. Um lisboeta no Rio é um inquilino de baixa renda, e portanto isto tem de ser por etapas. A chuva chegou antes do táxi mas o taxista saiu e ajudou. Depois, com a camisa pingada, sentou-se ao volante, olhou para trás a sorrir, e quando ouviu o endereço, a uns míseros dez reais de distância, continuou a sorrir. É por isso que o apocalipse nunca vai acontecer no Rio de Janeiro. Os cariocas têm de ganhar a vida como toda a gente, mas nunca a perdem por causa disso.

O dia desta minha mudança foi o primeiro que passei no Complexo do Alemão, levada por um taxista que se chamava Mozart. No Rio é tão fácil conhecer um Mozart como um Marconi. O meu Mozart mora no Alemão, o meu Marconi mora na Rocinha, e essa é outra das razões por que o apocalipse nunca vai acontecer no Rio de Janeiro. Nada é demasiado grande para um carioca. Ele pega ônibus para Copacabana, fica de pé 12 horas no átrio de um edifício fazendo segurança, no fim do turno pega ônibus de volta para a Rocinha, senta-se num tijolo a ver a mulher dançar *funk* com o bebé no colo. Ou cozinha, limpa casa, atende telefone. E já passou fome, quem sabe ainda passa. Mas vai na praia, bate

bola, batucada, canta. Carioca pode com tudo, da derrota do Flamengo ao nome de um génio.

Podemos chegar a alguns lugares sem saber nada. Já ao Brasil chegamos sempre com excesso de bagagem. Piadas, sala-maleques, mal-entendidos de 500 anos. Sabemos o que achamos que sabemos, e não nos conformamos com o que acham de nós. Fui ler aqueles dois *best-sellers*, *1808* e *1822*, li um e meio, não me sai da cabeça a imagem de D. João VI sempre lambuzado, com franguinhos escondidos nas mangas do casaco. Suponho que cabe na categoria do entretenimento. Espelho meu, espelho meu, há alguém mais feio do que eu? É a angústia do ex-colonizador diante do ex-colonizado. Choque e espanto. Ainda bem que não chego ao Brasil com 20 anos, nem 30. Podia dar-me para o nacionalismo ou o seu contrário. Nomes do diabo, antes os de João Guimarães Rosa.

Onde íamos? Dentro daquele táxi nocturno, a caminho do meu primeiro subaluguer. Em São Paulo as casas são mais baratas, dizem-me os paulistas. Eu gosto de São Paulo não lembrar Portugal. O que é velho no Rio lembra Portugal. Um paulista disse-me uma coisa duplamente cruel. O Rio é preguiçoso, esbanjador, decadente: ainda vive na corte de D. João VI. Quem tenha experiência com cariocas no que respeita a combinações já terá dito pior, depois de esperar horas por alguém, ou dias por um telefonema, ou toda a vida por um pedido de desculpas. Até perceber que para o carioca aquilo não tem desculpa porque não tem culpa. Os paulistas podem dizer coisas cruéis dos cariocas. Já é mais difícil imaginar os cariocas a dizerem coisas cruéis dos paulistas. Suspeito que se estão nas tintas, ou, como se diz aqui, não estão nem aí. Há uma imunidade no

carioca, uma soberania. Amanhã o mundo acorda e o Rio está no topo do mundo sem nunca ter saído de lá.

Quando o táxi parou, saí de guarda-chuva para tirar as bagagens. Ao fim de um minuto estava ensopada. Entretanto, como se nem pingasse, o taxista já ia tranquilamente com uma mala nos braços, a caminho do portão. Corri para tentar cobri-lo com o guarda-chuva e ao mesmo tempo abrir o portão. A chuva do Rio pode ser cachoeira. Caía no chão a ribombar e nenhuma das minhas chaves abria.

— A senhora está nervosa, deixe que eu abro.

Mantendo a bagageira aberta, levou a mala até um te-lheiro. Foi então que o portão se fechou connosco do lado de dentro, a chave do lado de fora, a bagageira aberta, e tudo isto cada vez mais à chuva. Procurámos campainhas, botões, fios, qualquer coisa que abrisse, mas nada. Até que vimos duas cabeças passarem do lado de fora e eu gritei contra a tempestade. Enfim rodaram a chave, enfim levámos a bagagem, nunca parou de chover e o taxista continuava a sorrir como se tivéssemos saído da piscina. Não se chamava Mozart nem Marconi, só Marcelo, mas nascido e criado na favela como eles. Numa das favelas do Complexo do Alemão.

— Não sei como lhe pagar.

— Que nada, são dez reais.

Preço normal de uma corrida sem chuva, sem bagagem, sem apocalipse.

Paguei 50 e à primeira Marcelo não quis aceitar. Era como se ficasse por conta da boa história que toda a dificuldade dá. Subiu a enxugar-se um pouco e desceu dando boa-noite.

INVEJA DOS ANJOS

Dylan Thomas apareceu na praia. Chamaram-me, voltei a cabeça, e era a cara dele à minha frente, com aquele topete de caracóis e sem álcool. Dylan Thomas aos 20 anos.

— Você é o Dylan Thomas — disse eu.

— Eu sou?! — ele ficou feliz.

— Cara, e ele é poeta! — rematou a amiga que me chamara, Tatiana Salem Levy, ajustando a alcinha do biquíni.

Todo o biquíni será recompensado em São Sebastião do Rio de Janeiro, num domingo de Dezembro. Um sol de 40 graus e a perna do vizinho terminava na minha. Milhares de biquínis e de sungas no espaço vital de um Cristo abrindo os braços. Sunga é o contrário do calção até ao joelho. Cariocas usam sunga e não trazem toalha, ensinou a Tatiana. Praia no Rio tem um protocolo, Dylan Thomas inclusive, pele branca, sunga preta.

O Rio não é o País de Gales. Este hemisfério não é a Europa. Aliás, será que a Europa ainda existe? O Rio de Janeiro pensa na Europa como vovô e vóvó, álbum de família. A gente vai lá, sopra o pó, diz «puxa vida!», se comove.

Depois volta ao vivo, à praia.

— Vamos na praia? — perguntara a Tatiana de manhã.

E antes que a minha boca europeia se abrisse:

— Domingo na praia é experiência antropológica.

Quase trabalho, para tirar a minha culpa.

Então fui de ônibus, desci a duas quadras do mar, comprei o *Globo*. Tinha uma matéria sobre as novas festas infantis de limusine, Primavera-Verão 2010-2011: a limusine apanha aniversariante e amiguinhos e passeia-os pelo Rio com doces e sucos servidos em *flute*. Paguei um euro e meio pelo meu café de pé

no Talho Capixaba, mercearia *gourmet* do Leblon. O preço é daqui para cima em toda a Zona Sul.

Quando cheguei ao calçadão, a favela do Vidigal descia até ao mar, logo do meu lado direito. Do outro lado do morro, era dia de mercado na Rocinha. Somando todos os morros do Rio, dá mil favelas.

Na véspera eu vira um anjo suar. Febre de sábado à tarde no Centro do Rio de Janeiro. Vagabundos, corpos em papelão, um cheiro de queimado. Num primeiro andar sobre tudo isto, uma galeria acolhia um lançamento de poetas lendo poetas. Conheci louras musas sem idade que continuam a nem olhar nos olhos. O mito Chacal, com quem me sentei há 15 anos num chão da Gávea, ainda morava na Gávea e disse de cor Hélio Oiticica, esse amigo de vagabundos que também escrevia. Janelas totalmente abertas, todo o mundo debruçado. Todo o anjo é terrível, mas anjos do calor, já conheceram? O meu suava com uma camisa de xadrez por cima de uma *t-shirt*: anjo boxeador, Carlito Azevedo. Foi o último a ler, num biguebanguê que era o mundo mudando de hemisfério no século XXI. Suava e tremia, 15 minutos para sempre. Um anjo não tem limite.

Domingo, depois da praia, a Tatiana levou-me ao teatro. Centro Cultural do Banco do Brasil, esse colosso no Centro. Cá em baixo, Livraria da Travessa, exposição de Arte Islâmica, ciclo Tsai Ming-Liang. Lá em cima, um corredorzinho de espectadores à porta de uma sala-estúdio. Olhei para o programa: *Antes da Coisa Toda Começar*, Armazém Companhia de Teatro, direcção de Paulo de Moraes. A imagem de uma caveira. Seria um *Hamlet*? E quando as luzes se apagaram foi Hamlet, Tempestade e Tragédia Grega, Lou Reed e Piaf, Grotowski e Deep

Purple. O texto era uma energia omnívora. Eles atacavam o baixo e a bateria, cantavam, morriam, ressuscitavam. Os bastidores vinham para a frente, os espelhos partiam-se perante a Europa. De repente, olhei para trás e um dos actores estava por cima de nós como um anjo. Nunca o vira antes mas tive a certeza de que já o tinha visto. Era um árabe de nome grego, no centro do Rio de Janeiro.

O melhor teatro do Brasil, dizem sempre os críticos, está em São Paulo. Mas a companhia Armazém está no Rio mesmo, nos Arcos da Lapa. Já fez Shakespeare e Tragédia Grega, e uma *Alice no País das Maravilhas*. Além de tudo o mais, eles próprios desenham os cenários e escrevem. A Tatiana saiu a chorar da peça antes desta, *Inveja dos Anjos*. Quando cheguei a casa abri o livro sobre favelas que estou a ler e li: *Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos / sem amor nada seria*. Coríntios, versão Legião Urbana. Depois Caetano começou a cantar na minha cabeça *Anjos sobre Berlim...*, como um anjo do calor.

Cariocas não trazem toalha, trazem canga, que é um pano de praia, ensinou a Tatiana quando me apresentou os amigos. Sim, Dylan Thomas está vivo, usa sunga, mora em Copacabana, vai à praia junto à bandeira verde-e-rosa da Mangueira, ainda não começou a perder o pé, e olha só, conheci-o chegando da água. Estupidamente perguntei-lhe se sabia como Dylan Thomas tinha morrido. Estavam 40 graus e ele estava sentado na minha canga. Não era pergunta que se fizesse. É como a pergunta de Rilke: quem se eu gritar? No Rio, Dylan Thomas vai dizer: grita que eu vou.

ÍNDICE REMISSIVO

- ABREU, CAIO FERNANDO: 312-4
Abreu, Fernanda: 251
Acordo Ortográfico: 162, 221
Açores: 29, 50, 185, 199
Acre: 135
AfroReggae: 45
Aiuruoca: 198
Alcântara: 280-1, 283-4
Alencar, José: 33
Alenquer: 94
Allen, Woody: 237
Almada, Catarina: 82
Almeirim: 94, 123, 129
Alter do Chão: 94, 102-3, 130, 131, 133,
134, 145-6
Alves, Rui: 255
Alvim, Francisco: 252
Amado, Jorge: 269
Amaral, Crispim do: 139
Amazônia: 90, 105
Andrade, Carlos Drummond de: 110,
163, 237, 276, 292
Andrade, Mário de: 180, 289, 292
Andrade, Oswald de: 23, 122, 173, 313-4
Angeli: 237
Ano de Portugal no Brasil: 253-4, 271,
303
Antunes, António Lobo: 178
- Aquino, Ruth de: 193
Araçuaí: 76
Armazém Companhia de Teatro: 20
Asdrúbal Trouxe o Trombone: 308
Assis, Cláudio: 233, 241-3, 300
Assis, Machado de: 88, 182, 293, 296
Atins, Canto de: 278-9
Audi, Sérgio: 246, 257
Azevedo, Carlito: 20, 163, 237, 277
- BAHIA: 35, 42, 55, 74, 106, 135, 170, 184,
207, 238, 240
Baía da Guanabara: 66, 95, 245
Baiana, João da: 215
Bandeira, Manuel: 90, 285, 289
Barata, André: 82
Barcelos: 128, 142-4
Bardi, Lina Bo: 186
Barrento, João: 192
Batarda, Beatriz: 261
Batista, Eike: 162
Batista, José: 114
Beber, Bruna: 244
Beija-Flor: 54
Bela: 37-8, 217, 281
Belém do Pará: 90-1, 93-102, 104-5,
108-9, 111-5, 118, 120, 123, 126, 135,
144-5, 229, 282

- Beltrame, José Maria: 194
 Bento: 37-9, 46, 50, 222
 Berardinelli, Cleonice (Dona Cleo): 263-5
 Bethânia, Maria: 170-2, 204, 218, 240, 263-6
 Betti, Paulo: 231
 Bide: 215
 Bilac, Jô: 233
 Blaufuks, Daniel: 82
 Boal, Augusto: 169
 Boaventura, Ariela: 232
 Borralho, Ana: 277
 Botelho, João: 265
 Botika: 233
 Braga, Rubem: 178, 285-6
 Branco, Camilo Castelo: 249
 Brandão, Alexandre: 76
 Brandão, Ana: 255
 Brasília: 32, 35, 155-7, 196, 238, 250, 253, 284
 Britto, Paulo Henriques: 234
 Bruni, Sergio: 46
 Buarque, Chico: 40, 79, 168, 182, 187, 202-6, 208, 215-6, 263, 269-70
 Bulhosa, Bárbara: 217
 Burch, Jordi: 90, 94-5, 101, 123, 128, 131-2, 138, 139, 143, 145, 147, 158-9, 222
 Burle: 285, 287
- CABRAL, JOÃO: 110, 285
 Cabral, Sérgio: 37, 54-5
 Cabral, Sérgio (pai): 54
 Cabral, Wagner: 283
 Cabrita, Antônio: 101
 Calcanhotto, Adriana: 89
 Camargo, Iberê: 185
 Camões, Luís de: 262
 Campilho, Matilde: 191, 277
 Campos, Paulo Mendes: 285
 Canaveses, Marco de: 186
- Câncio, Fernanda: 217
 Candeia: 215
 Cândido, Antônio: 292
 Cardoso, Fernando Henrique: 117
 Cardoso, Lúcio: 234
 Cardoso, Miguel Esteves: 176
 Carlos, Roberto: 34, 188
 Carminho: 265, 272
 Carnaval: 25, 53-6, 58-60, 62-5, 75, 205, 214, 216
 Carrero, Tônia: 285
 Cartola: 54, 66, 204, 215, 278
 Carvalho, Beth: 203, 218
 Castro, Eduardo Viveiros de: 121-2, 125-6, 129
 Castro, Ferreira de: 110, 120, 127, 144
 Castro, Ruy: 184, 246
 Cavalcante, Gabriel: 191, 207-8, 218
 Cavalcanti, Di: 289
 Cavaquinho, Miguelzinho do: 187
 Cavaquinho, Nelson: 54, 190-2, 207, 215
 Caymmi, Dorival: 269
 Ceará: 35, 74, 111, 116, 135, 170, 283
 Cecim, Vicente Franz: 101, 104, 106-7
 César, Ana Cristina: 251, 276, 313
 Cesariny, Mário: 314
 Chacal: 20, 231, 250-2
 Chain, Aramis: 290, 292
 Changuito: 249, 252, 261
 Cicero, Antonio: 270
 Codax, Martín: 167-9
 Coelho, Frederico: 53, 162, 231-2, 251, 308
 Cohn-Bendit, Daniel: 163-6
 Corrêa, José Celso Martinez: 23-4
 Correia, João Amaro: 82
 Cortesão, Jaime: 289
 Cortesão, Maria da Saudade: 289
 Cosme Velho: 36, 56, 82, 89, 171, 203, 218, 247, 250, 253, 255, 284
 Costa, Gal: 201, 225, 263, 266-9
 Costa, Sérgio: 255
- Cotta, Carloto: 262
 Couto, José Geraldo: 242
 Criolo: 77, 80, 255
 Cruz, Carlos: 267
 Cuenca, João Paulo: 231-3
 Cunha, Euclides da: 121, 127
 Curicuriari: 152-4
 Curitiba: 49, 225, 238, 290-2, 294-6
- DAHMER, ANDRÉ: 244
 Daniel, João: 110
 Debellian, Marcio: 170, 200, 217
 Devlin: 195
 Diamantina: 76, 184, 190, 199
 Dilma: 32, 34-37, 116, 162, 185, 201, 203, 236, 281, 284
 Djavan: 40
 DJ Marlboro: 84
 D. João VI: 17, 74
 Donga: 215
 D. Pedro II: 98
 Dubeux, Theo: 188, 217
- ESCOREL, EDUARDO: 296
 Espírito Santo, Maria do: 115, 117
- FARTO, ALEXANDRE: 300, 303
 Feliciano, João Paulo (Godard): 13, 231, 254-6
 Feliciano, Mário: 254
 Ferraz, Eucanaã: 237, 276
 Ferreira, Alexandre Rodrigues: 227
 Filho, Armando Freitas: 237
 Filho, Kleber Mendonça: 298
 Fonseca, Rubem: 202, 290
 Francisco, Filipa: 273, 275, 277
 Francisco, Papa: 309
 Franzen, Jonathan: 236-7
 Freitas, Angélica: 252
- GABEIRA, FERNANDO: 236
 Galindo, Caetano W.: 225
- Gandolfi, Leonardo: 172
 Garrett, Almeida: 139, 249
 Garrincha: 204
 Gaspar, ministro Vítor: 253
 Gilberto, João: 184-5, 187-9, 203-4, 261, 266, 272
 Gil, Gilberto: 45, 106, 139, 163, 215, 218, 267
 Goeldi, Emílio: 98
 Gomes, Adelino: 250
 Gomes, Miguel: 262
 Gomes, Paulo Emílio Sales: 81
 Grande Rio: 63
 Grumari: 75-6
 Guarda, Céu: 225
 Gulin, Thaís: 79
 Gurría-Quintana, Angel: 237
- HATOUM, MILTON: 104, 110
 Herberto Helder: 24, 171, 270
 Herzog, Werner: 140, 329
 Higuchi, Horácio: 97
 Holanda, Aurélio Buarque de: 286
 Hollanda, Sérgio Buarque de: 47
- ILHA DE MARAJÓ: 94, 100
 Império Serrano: 54, 56-7, 59, 214, 218
- JARRETT, KEITH: 72
 Jeneci, Marcelo: 168
 Joanes (ver Marajó): 226
 Jobim, Tom: 44, 188, 205, 241, 263
 Juazeiro: 184
 Júnior, Otávio: 82
 Jurandir, Dalcídio: 110
- KASSAB, GILBERTO: 212
 Ketí, Zé: 169
 Kinski, Klaus: 128
 Kubitschek, Juscelino: 117

- LAERTE: 237
 Lamego, Valéria: 234, 288, 290
 Lamounier, Rodrigo: 144
 Lara, Ivone: 218, 220
 Leão, Danuza: 286
 Leão, Nara: 169, 171, 185, 286, 308
 Leão, Rodrigo de Souza: 171
 Legião Urbana: 21
 Leminski, Paulo: 251
 Lemos, Fernando: 173, 174, 175, 290
 Lévi-Strauss: 125
 Levy, Tatiana Salem: 19, 20, 21, 54, 65, 232, 255
 Lima, Jorge de: 110, 289, 290
 Liohn, André: 51
 Lisboa: 4, 15, 38, 39, 50, 77, 83, 95, 96, 112, 161, 176, 223, 251, 253, 256, 260, 261, 265, 267, 270, 272, 296, 327
 Lisboa, Eugénio: 253
 Lispector, Clarice: 79, 187, 230, 234, 275, 285
 Llansol, Maria Gabriela: 126, 192
 Lopes, Lúcia Serras: 217
 Ludemir, Júlio: 309
 Luizão: 25, 27
 Luz, Moacyr: 207, 218
- MACALÉ, JARDS: 45
 Machado, Marcelo: 267
 Machado, Pinheiro: 247
 Madureira: 59, 73, 74, 214-6, 222
 Magalhães, António Carlos: 106
 Magalhães, Fernão de: 272
 Maia, Tim: 269
 Manaus: 49, 99, 104, 111, 123, 126, 128, 135, 137-8, 141-2, 144, 146, 150, 153, 157-9, 161, 193
 Manguieira: 21, 54, 63, 65-7, 69, 79, 191, 205
 Mansa, Marisa Gata: 189
 Marabá: 115, 117
 Marajó: 94, 100, 121, 123-4, 228-30
- Maranhão: 74, 110, 116, 135, 168, 197, 258, 262, 271, 278, 282-4
 Maranhão, Haroldo: 110
 Marçal: 215
 Marighella, Carlos: 260
 Marinho, Roberto: 250-1
 Marisa (mulher de Lula): 33-4
 Mariza: 253
 Martha, Rocha: 52
 Martins: 195
 Martins, Max: 110
 Matos, Gregório de: 183
 Mautner, Jorge: 45
 MC's Júnior e Leonardo: 68
 Meireles, Cecília: 289
 Mello, Ramon Nunes (Dylan Tupiniquim Thomas): 19, 21, 24, 27-30, 53, 170-1, 217, 231, 269, 312
 Mello, Zélia Cardoso de: 200-1
 Melo, Collor de: 201
 Mendes, Chico: 116
 Mendes, Maria: 245, 288, 312
 Mendes, Miguel Gonçalves: 232
 Mendes, Murilo: 288-9
 Mestre, Marta: 171, 217, 277, 286
 Minas Gerais: 42, 59, 72, 76, 86-8, 163, 167, 190, 198, 223, 282, 304
 Monteiro, João César: 261, 295
 Monteiro, Karla: 76, 253
 Montenegro, Marcelo: 232
 Moraes, Ana: 49
 Moraes, Paulo de: 20
 Moraes, Reinaldo: 173, 176, 179, 225
 Moraes, Susana de: 169
 Moraes, Vinicius de: 44, 56, 58-9, 61-2, 78, 169, 207, 215, 285, 289, 292, 295
 Moraes, Wenceslau de: 262
 Moreau, Daniela: 76, 198-9, 257
 Moreau, Zaba: 198
 Moreira, Ana: 262, 277
 Moura, Wagner: 79
 Moutinho, Marcelo: 55
- Mucznik, Ian: 255
 Museu Goeldi: 97, 101-2, 107
- NASCIMENTO, MILTON: 40, 104, 167, 253
 Nassar, Raduan: 274
 Natálio, Rita: 278
 Negreiros, Almada: 288
 Nem: 27, 38, 69, 70, 90, 114, 143, 157, 193, 195-7, 220, 228, 241, 262
 Neri, Marcelo: 244
 Niemeyer, Oscar: 203, 205, 225
 Niepoort, Dirk: 254-5
 Niterói: 66, 68, 209, 244
 Novaes, Letícia: 244
 Nova Friburgo: 37, 39, 40, 44
 Nunes, Clara: 218
- ÓBIDOS: 94, 124
 Oiticica, Hélio: 20, 251
 Ouro Preto: 85-8
 Ozzetti, Ná: 168
- PACHECO, LUIZ: 295
 Paes, Eduardo: 233, 302
 Pará: 90, 94-8, 100-2, 104, 108, 111-7, 123, 127, 135, 189, 229, 279, 282-3
 Paraíba: 74
 Paraty: 223-4, 234-5, 276
 Paredes, Carlos: 58-9
 Pedro, António: 274
 Pellegrino, Antonia: 248
 Pellegrino, Hélio: 248
 Pena, Lula: 261, 266, 269-71, 277
 Pernambuco: 26, 35, 74, 223, 233, 242, 296, 300
 Pessanha, Camilo: 262
 Pessoa, Fernando: 168, 172, 263-4
 Petrópolis: 37-9, 46
 Piauí: 74, 116, 170, 258
 Pimentel, Tomás: 255
 Pimentel, Vasco: 262
- Pina, Ana: 278
 Pina, João: 55
 Pinto, Fernão Mendes: 262
 Pinto, Lúcio Flávio: 108, 110
 Pires, Paulo Roberto: 191
 Pixinguinha: 54
 Poças, Rui: 262
 Ponta Delgada: 50, 51
 Ponta Negra: 158
 Portas, Paulo: 69, 253
 Portela: 46, 54, 55, 214, 215, 216
 Portinari, Cândido: 89
 Porto: 26, 47, 49, 94, 110, 184-6, 231-2, 252
 Porto de Mós: 94
 Porto de Santos: 26
 Portugal: 15, 17, 22, 24, 49, 50, 55, 80, 92, 95-6, 101, 109, 121, 127, 130, 133-4, 140, 157, 162, 173-4, 176, 200-2, 221, 227, 233-4, 244, 253, 262-3, 266, 271, 288, 293, 303
 Prata, Mário: 179
 Preta: 37, 38, 53, 64, 217
- QUEIRÓS, EÇA DE: 111, 180, 182, 248-9, 293
 Quintana, Mário: 185
- RAMOS, DAVID LOPES: 77
 Ramos, Maíra: 222
 Ramos, Manuel da Silva: 178
 Ramos, Nuno: 163
 Real Combo Lisbonense: 253-4
 Recife: 230, 233, 241, 243, 296, 298-9, 301
 Regina, Elis: 190
 Resende, Otto Lara: 248
 Restinga da Marambaia: 75
 Ribeiro, Darcy: 47, 70, 156
 Ribeiro, Manoel: 193
 Ribeiro, Rita: 168
 Ribeiro, Rosalina: 209

- Rio Grande do Norte: 74
 Rio Grande do Sul: 35
 Rocha, Eryk: 241
 Rocha, Glauber: 84, 106, 286
 Rodrigues, Amália: 158, 161, 272
 Rodrigues, Nelson: 178, 246-9
 Rosa, João Guimarães: 17, 106, 110, 199, 222, 247-8
 Rosa, Noel: 221
 Ruffato, Luiz: 22, 76
- SABINO, FERNANDO: 285
 Salmaso, Mônica: 168
 Salomão, Waly: 251
 Salvador: 106, 184, 283, 300
 Sampaio, Jorge: 250
 Santarém: 94, 111, 121, 123-5, 128, 130, 135
 Santos, Nelson Pereira dos: 241
 São Bernardo do Campo: 26, 31-2, 34, 36
 São Gabriel da Cachoeira: 128-9, 142, 147, 151, 155-6
 São Gonçalo do Rio das Pedras: 72, 73, 76
 São José do Vale do Rio Preto: 44, 46
 São Luís do Maranhão: 262, 280, 282
 São Paulo: 17, 21-3, 26-7, 31, 37, 49, 76, 81, 86, 97, 112-3, 157-8, 173-6, 181, 183, 186, 212-4, 223, 225, 235, 238, 242, 246, 256, 258-9, 278, 293, 307-8, 311, 314
 Sardinha, bispo: 122
 Sarney, José: 34-5, 162, 196-7, 201, 278, 283, 284
 Sá, Roberta: 218, 253
 Sá, Xico: 300
 Schwarcz, Luiz: 179
 Science, Chico: 300
 Scliar, Carlos: 289
 Scott, Paulo: 226, 231-2, 234
 Sergipe: 74, 258
- Serrania: 49
 Shteyngart, Gary: 237
 Silva, Agostinho da: 156
 Silva, Cláudio da: 265
 Silva, José Cláudio Ribeiro da: 115-7
 Silva, Luiz Inácio (Lula da): 25-7, 31-5, 116-7, 125, 194, 236, 250, 261, 266, 273, 277, 279, 281, 284, 296
 Silva, Maria Helena Vieira da: 287-8
 Silva, Marina: 116, 165, 239, 301
 Silva, Paulo da Costa e: 277
 Silveira, Jussara: 168
 Siza, Álvaro: 184-7, 253
 Soares, João: 203, 204
 Soares, Luiz Eduardo: 235-6
 Solnado, Raul: 267
 Sousa, Nuno Franco: 303
 Stang, Dorothy: 116
 Szenes, Arpad: 287-90
- TASSIS, CHRISTIANE: 53, 59, 75-6, 188, 217
 Tavares, Vitor Silva: 177
 Teatro Oficina: 23, 314
 Teixeira, Pedro: 91
 Telles, Luís: 184
 Telles, Lygia Fagundes: 81
 Teresópolis: 36-7, 39, 45
 Terrinha, Luciana: 217
 Tiradentes: 70, 86-7, 199
 Trevisan, Dalton: 225, 290-1, 294, 296
 Tropicalismo: 23, 24
 Turnowski, Allan: 52
- VALE, JOÃO DO: 169
 Varejão, Adriana: 288
 Varejão, Cláudia: 277
 Vargas, Getúlio: 185, 244
 Vasconcellos, Lucas: 244
 Veloso, Caetano: 21, 23, 45, 62, 81-2, 84-5, 106, 163, 181, 187, 201, 204, 215, 218, 225, 245, 263, 266-9, 297
- VELOSO, MORENO: 266
 Ventura, Zuenir: 193, 236
 Veríssimo, Erico: 276
 Veríssimo, Luiz Fernando: 234
 Vhils: 300, 303
 Vieira, Padre Antônio: 90-1, 227-9, 262, 278
 Villa-Lobos: 54
 Villaverde, Teresa: 261, 277
 Viola, Paulinho da: 214-6, 218, 260-1, 263
- WAINER, BLUMA: 285
 Wainer, Samuel: 286
 Wallenstein, Catarina: 265
 Wanderley, Walter: 255
 Winehouse, Amy: 38
 Wisnik, José Miguel: 167-9
- ZELINHA: 32
 Zweig, Stefan: 47

NOTA BIOGRÁFICA

Agradecimento: A base deste livro é uma escolha de crónicas saídas no Público entre 2010 e 2013. Além das pessoas nomeadas, quero agradecer às que estão em textos não incluídos aqui, cruzamentos fugazes ou perenes que alteraram para sempre a minha experiência do Brasil.

ALEXANDRA LUCAS COELHO nasceu em Dezembro de 1967, em Lisboa. Estudou teatro e comunicação. Trabalhou na rádio e, a partir de 1998, no *Público*, onde editou suplementos literários, coeditou a secção de cultura e integrou a equipa Grandes Reporteres. Cobriu o Médio Oriente e a Ásia Central (entre 2001 e 2009), foi correspondente em Jerusalém e actualmente vive no Rio de Janeiro. Já recebeu diversos prémios de jornalismo.

O seu primeiro livro é *Oriente Próximo* (Relógio D'Água, 2007). Seguiram-se, na Tinta-da-china, *Caderno Afegão* (2009), *Viva México* (2010), *Tabrir* (2011) e o romance *E a Noite Roda* (2012), todos também publicados no Brasil.



NESTA COLEÇÃO

Morte na Pérsia
Annemarie Schwarzenbach
(trad. Isabel Castro Silva)

Uma Ideia da Índia
Alberto Moravia
(trad. Margarida Periquito)

Paris
Julien Green
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Japão é Um Lugar Estranho
Peter Carey
(trad. Carlos Vaz Marques)

Veneza
Jan Morris
(trad. Raquel Mouta)

Caderno Afegão
Alexandra Lucas Coelho

Disse-me Um Adivinho
Tiziano Terzani
(trad. Margarida Periquito)

Nova Iorque
Brendan Behan
(trad. Rita Graña)

Histórias Etiópicas
Manuel João Ramos

Na Síria
Agatha Christie
(trad. Margarida Periquito)

A Viagem dos Inocentes
Mark Twain
(trad. Margarida Vale de Gato)

Viva México
Alexandra Lucas Coelho

Jerusalém — Ida e Volta
Saul Bellow
(trad. Raquel Mouta)

Caminhar no Gelo
Werner Herzog
(trad. Isabel Castro Silva)

Cartas do Meu Magrebe
Ernesto de Sousa

Viagem de Autocarro
Josep Pla
(trad. Carlos Vaz Marques)

O Colosso de Maroussi
Henry Miller
(trad. Raquel Mouta)

O Murmúrio do Mundo
Almeida Faria

Viagem a Tralalá
Wladimir Kaminer
(trad. Helena Araújo)

Histórias de Londres
Enric González
(trad. Carlos Vaz Marques)

Os Primos da América
Ferreira Fernandes

Cadernos Italianos
Eduardo Pitta

Um Gentleman na Ásia
Somerset Maugham
(trad. Raquel Mouta)

*Mais Um dia de Vida —
Angola 1975*
Ryszard Kapuściński
(trad. Ana Saldanha)